

Gramado espalha 'Nosso Segredo' à posteridade



Filme de estreia da atriz mineira Grace Passô como diretora vence o festival mineiro, que põe 'Nosso Segredo' para voar com múltiplos Kikitos



'Nosso Segredo'

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Deu Grace Passô na cabeça no 54º Festival de Gramado: a atriz mineira ganhou o Kikito de Melhor Filme por "Nosso Segredo", seu primeiro longa-metragem como diretora, que estreia nesta quinta-feira (27) no circuito exibidor. "Tô feliz, tô honrada, é muito tempo e é o prêmio que eu mais queria, pois é o que mais explicita a força coletiva", disse Grace.

Escalada faz pouco para representar o Brasil na briga pelo prêmio Horizontes Latinos de San Sebastián, na Espanha, em setembro, como protagonista de "A Professora de Francês", Grace foi festejada por muitos que subiram ao palco do Palácio dos Festivais a fim de serem premiados. O júri não esqueceu de seu lindo trabalho, um drama decolonial em tons fantásticos. "Nosso Segredo" ganhou ainda os Kikitos de Melhor fotografia e de Melhor Direção de Arte. Vista já no exterior, ao ter passado na Berlinale, na Alemanha, onde esteve na mostra competitiva Perspectivas, a trama fala da batalha de uma



Leite em Pó

família abalada pela morte do patriarca. O luto ali é sacolejado por elementos sobrenaturais que se conectam com os fantasmas da opressão ao povo preto.

"Tenho uma espécie de pacto comigo mesma: fui passando por várias funções — comecei como atriz, depois fui estudar, dirigir, escrever — sempre guiada por uma intuição, por imagens e formas que surgem na minha cabeça", explicou Grace ao Correio da Manhã, no Bafici, em Buenos Aires, ao fim de sessões lotadas de "Nosso Segredo".

Coroados com o Urso de Cristal na Berlinale, lá em fevereiro, enquanto aqui era carnaval, "Feito Pipa" seguiu jogando confete para a vida, estrada afora, até che-

gar ao 54º Festival de Gramado, em que virou "A" coqueluche. Ganhou a láurea do júri popular e deu um Kikito ao cineasta cearense Allan Deberton. Houve ainda menção a sua razão de ser, Yuri Gomes. O menino de 11 anos dá vida ao craque de bola Gugu, cuja identificação com a cultura queer lhe cria problemas na escola e na casa do pai. Por sorte, sua avó, Dilma, é um quindim com ele. E sua intérprete, Teca Pereira, brilha no papel. E o Palácio dos Festivais de Gramado foi abaixo quando Teca foi anunciada como vencedora - por unanimidade - pelo jeito como celebra o viver e o amor ao neto, no papel de Dilma. "Obrigada Deus, por me manter com saúde e energia



Chorão: Só Os Loucos Sabem

para chegar até aqui. São 49 anos de carteira e 74 de idade", agradeceu Teca no palco.

Antes dela, um dos astros mais amados do país, Lázaro Ramos, que vive o pai homofóbico (em desconstrução) de Gugu, foi chamado ao palco para buscar o Kikito de Coadjuvante. "É um prêmio pelo encontro", disse Lázinho, ao inaugurar o rol de conquistas de "Feito Pipa". "É difícil a gente se olhar. É difícil a gente se celebrar. É bom quando você encontra alguém que você admira, como o Allan, e ele surpreende."

Caixinha de surpresa, o prolífico cinema de José Eduardo Belmonte ("Alemão") já rendeu ao cinema algumas joias ("Gorila", "Se Nada Mais Der Certo") em

sua imparável produtividade, ao devassar códigos morais de uma sociedade craque em ser hipócrita. Só não se esperava que ele devassasse com fúria o neopentecostalismo brasileiro — indo aos intestinos do sistema digestivo das crenças evangélicas — com a contundência que faz em "Justino — Nos Bastidores do Reino". Ele abriu o placar de Gramado. Ganhou o primeiro Kikito da noite, o de Melhor Montagem, dividido entre Belmonte e Ivan Finotti. Pouco depois, foi agraciado com o Kikito de Melhor Ator, dado a Christian Malheiros, por um visceral desempenho. E teve ainda menção para a atriz trans Oona Silva, que encara uma travesti fundamental na luta por pessoas que